

Repetição em aquisição de linguagem: notas sobre o espelhamento sonoro infantil e a ecolalia no autismo

Repetition in language acquisition: notes on children's sound mirroring and echolalia in autism

Repetición en la adquisición del lenguaje: notas sobre el espejo de sonido en los niños y la ecolalia en el autismo



Maria Eduarda Araujo de Moraes

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife, Pernambuco, Brasil.

E-mail: mariaeduardaarajodemoraes@gmail.com



Glória Maria Monteiro de Carvalho

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife, Pernambuco, Brasil.

E-mail: gloria.carvalho@unicap.com.br

Resumo: O principal objetivo deste artigo consiste em investigar o lugar ocupado pelas repetições de segmentos sonoros nas manifestações verbais de crianças sem dificuldades, confrontando-as com verbalizações ecolálicas de crianças com algum tipo de dificuldade em sua trajetória linguística, mais precisamente, crianças/adolescentes diagnosticados como autistas. Pretendeu-se pesquisar de que forma se caracterizam essas repetições sonoras e quais seriam suas implicações na constituição do sujeito falante, tendo como alicerce teórico contribuições de autores que serviram de base para o entrelaçamento entre estudos de aquisição de linguagem e o enfoque psicanalítico. A análise dessas repetições trouxe à tona a questão da *marca*.

Palavras-chave: Repetição. Espelhamento Sonoro. Ecolalia. Marca.

Abstract: The main objective of this article is to investigate the importance of sound segment repetitions in vocal expressions by children without difficulties, confronting them with echolalic utterances of children with

some type of difficulty in their linguistic course, especially children / adolescents diagnosed as autistic. It is intended to research how these sound repetitions are characterized and what their implications would be in the constitution of the speaking subject, having as theoretical foundation, contributions from authors whose proposals serve as the basis for the intertwining between language acquisition studies and the psychoanalytical approach. The analysis of these repetitions brings up the question of the *mark*.

Keywords: Repetition. Sound Mirroring. Echolalia. Mark.

Resumen: El objetivo principal de este artículo es investigar el lugar que las repeticiones de los segmentos de sonido ocupan en las manifestaciones verbales de niños sin dificultades, en confrontación con verbalizaciones ecolalias de niños con algún tipo de dificultad en su trayectoria lingüística, más precisamente, niños / adolescentes diagnosticados como autistas. Se pretendía investigar cómo estas repeticiones de sonido se caracterizan y cuáles serían sus implicaciones en la constitución del sujeto hablante, teniendo como fundamento teórico los aportes de los autores que sirvieron de base para el entrelazamiento entre los estudios de adquisición del lenguaje y el enfoque psicoanalítico. El análisis de estas repeticiones planteó la cuestión de la *marca*.

Palabras clave: Repetición. Reflejo de sonido. Ecolalia. Marca.

Submetido em 16 de setembro de 2021.

Aceito em 07 de fevereiro de 2022.

Publicado em 15 de junho de 2022.

Introdução

O presente artigo se propõe a investigar o lugar ocupado pelas repetições de segmentos sonoros¹ nas manifestações verbais de crianças sem dificuldades, confrontando-as com verbalizações ecológicas² de crianças com algum tipo de dificuldade em sua trajetória linguística, mais precisamente crianças/adolescentes diagnosticados como autistas. Assim, a questão norteadora que nos moveu ao presente estudo foi: qual a posição assumida pela repetição no início da aquisição de linguagem?

Filiamo-nos, então, à proposta de que a repetição de segmentos sonoros, em um momento inicial da trajetória linguística da criança, ocupa um lugar de destaque nas mudanças que ocorrem no *vir-a-ser-falante*, recorrendo ao conceito de *espelhamento* proposto por Cláudia Lemos (2002) e à noção de espelho sonoro segundo Porge (2014), que serão, mais adiante, especificados.

Nessa perspectiva, denominamos *espelho sonoro interno* a forma como a criança, na relação lúdica com os sons de sua língua, ecoa fragmentos sonoros da fala do outro e, posteriormente, persiste nessa repetição no interior de sua própria fala. A proposta de investigar o *espelho sonoro interno* e o lugar por ele ocupado, na mudança que ocorre, no *infans*, de sua condição de não falante para a de falante, decorreu de análise anterior (MORAES, 2020) de um *corpus*³ composto por manifestações verbais de uma criança com idade média de 1 ano e 3 meses, em diálogo espontâneo com sua mãe. Nesse *corpus*, além do registro da presença de segmentos sonoros da fala materna, na fala infantil, chamou-nos, de modo especial, a atenção o fato de que a criança repetia, insistentemente e de forma lúdica, alguns desses fragmentos. Dessa proposta, surgiu outra indagação: as verbalizações ecológicas podem

1 Preferimos usar a expressão segmentos sonoros, em vez de fragmentos sonoros, para nomear os fragmentos sonoros da fala do outro presentes na fala infantil.

2 Optamos pelo uso do termo verbalização, ao nos referirmos às manifestações verbais ecológicas da criança com diagnóstico de autismo.

3 Esse corpus foi retirado do Banco de Dados do Projeto de Aquisição de Linguagem do IEL-UNICAMP.

ser consideradas repetições que levam a mudanças nas verbalizações de crianças com diagnóstico de autismo?

Assumimos, então, que uma abordagem da verbalização ecológica da criança com diagnóstico de autismo poderia trazer alguma luz para a investigação do lugar ocupado pela repetição/espelho sonoro interno na trajetória de aquisição de linguagem da criança sem dificuldades. Em outras palavras, assumimos a proposta de autores como Jakobson (1963[2008]) e Lier-de Vitto (2006), segundo quem a indicação do que falta ou do que falha, na fala de crianças com dificuldades, poderia dar mais visibilidade ao que está presente na fala da criança sem dificuldade e, no caso deste estudo, poderia indicar o papel da repetição, especialmente do *espelho sonoro interno*, em aquisição de linguagem.

Repetição como movimento de diferenciação

O conceito de repetição possui grande complexidade, principalmente no que diz respeito à noção psicanalítica de repetição diferencial, tendo em vista suas ramificações e consequências discutidas – tanto na perspectiva clínica, como na perspectiva teórica – por Freud (1920 [2010]), (1914 [2010]), (1919 [2010]), Garcia Roza (1986), entre outros. No entanto, embora fazendo apelo a esses autores, pretendemos neste artigo, como já foi dito, investigar o lugar ocupado pela repetição sonora na fala infantil, sob a luz do que CARVALHO (2019) caracteriza como *repetição transformadora da fala infantil*.

Em seus textos: *Além do princípio do prazer* (1920 [2010]), *Recordar, Repetir e Elaborar* (1914 [2010]) e *O inquietante* (1919 [2010]), Freud apresenta algumas reflexões sobre esse conceito; para o pai da psicanálise – em seus primeiros escritos –, estaria a compulsão à repetição vinculada ao princípio do prazer. Entretanto, posteriormente essa concepção freudiana inicial é reformulada, na medida em que estaria também situada para *além do princípio do prazer* (FREUD, 1920[2010]), ou, melhor dizendo, tanto as experiências

prazerosas, como as de fracasso podem ser submetidas à repetição. Afirma o autor: “[...] sentimo-nos encorajados a supor que na vida psíquica há realmente uma compulsão à repetição, que sobrepuja o princípio do prazer”. (p. 135). A repetição passa a ser concebida não apenas como um componente sintomático, mas como constitutiva do psiquismo humano e resultado do retorno do que fora recalcado inconscientemente.

Por sua vez, Lacan (1966-1967[2017])⁴ atribui à repetição o estatuto lógico último sob a forma de uma lei constituinte do sujeito. Nessa posição, uma situação que se repete não implica coordenadas de maior ou menor tensão, “mas de identidade significativa, de mais ou menos como *signo* do que DEVE ser repetido” (p. 194, ênfase do autor). No entanto, continua o psicanalista, ela se torna a situação repetida “e que, por isso, se perdeu como situação original: *há alguma coisa que se perde no fato da repetição*” (p. 194, ênfase do autor). Nessa perspectiva, Lacan (1966-1967[2017]) dá destaque à condição de que a repetição implica uma perda, na medida em que seria impossível haver um reencontro. Do mesmo modo, como afirma Deleuze (1968[1988]): “Não há dois grãos de poeira absolutamente idênticos, duas mãos que tenham os mesmos pontos relevantes, duas máquinas que tenham a mesma impressão, dois revolveres que estriem suas balas da mesma maneira...”. (p. 59). Dessa forma, na repetição, em cada caso ou em cada elemento que é repetido, segundo esse autor algo de novo no espírito de cada elemento é contemplado; sendo assim, a repetição nunca é a mesma, implicando sempre um movimento, um deslocamento em direção à diferença.

Vem à tona, portanto, na repetição, seu efeito retroativo, ou seja, “o que se passa quando, pelo efeito do repetente, o que estava a se repetir torna-se o repetido”. (LACAN, 1966-1967[2017], p. 195). Segundo afirma Metzger (2017), o paradoxo da teoria lacaniana consiste no fato de que a própria repetição implica transformação daquilo que se repete.

⁴ É importante registrar que Lacan (1966-1967[2017]) aborda a repetição na clínica psicanalítica. Neste trabalho, não se trata, portanto, de uma aplicação direta dessa abordagem à aquisição de linguagem, mas apenas do recurso a um ponto de vista teórico que poderá lançar um pouco mais de luz sobre a repetição na fala infantil inicial.

Lacan (1966-1967[2017]) dá também especial destaque ao traço, isto é, à marca deixada pela repetição, na medida em que “O traço onde se sustenta o que é repetido, enquanto repetente deve se fechar, deve reencontrar a origem: aquele (esse traço) que, por este fato marca desde então o repetido como tal”. (p. 195). Em outras palavras, segundo o autor, trata-se da dupla volta, daquilo que retorna sobre o que se repete, isto é, sobre a operação primeira que deu origem à repetição. Recorremos, neste ponto, a Rinaldi (2008) no que concerne à concepção lacaniana de *traço unário* que consiste na “marca primeira do surgimento do sujeito a partir do significante”. (p. 60). Segundo essa autora, o traço unário surge no lugar do apagamento do objeto, ou melhor, é a *marca* que fica daquilo que se perde na constituição do sujeito. Trata-se, portanto, de “significante não de uma presença, mas de uma ausência apagada que, a cada volta, a cada repetição presentifica-se como ausência”. (p. 61). Nessa perspectiva, Rinaldi (2008) destaca a junção de polos, aparentemente, inconciliáveis como, por exemplo, a semelhança e a diferença, a presença e a ausência.

Sobre o movimento de repetição, Lacan (1966-1967[2017], p. 201) afirma ainda:

É isso que demonstram as duas outras figuras: a saber, que se vocês fizerem de algum modo deslizar esta superfície- essa que é obtida após o corte – no avesso dela mesma, se posso me exprimir assim, isto que é bem imaginado na presente figura – podem, costurando de um outro modo as bordas de que se trata aqui, constituir assim uma nova superfície que é a superfície de um toro, sobre o qual está marcado sempre o mesmo corte, constituído pela dupla volta fundamental da repetição.

Com isso, convocamos Felman (1987) que, ao se referir à abordagem lacaniana da revolução copernicana de Freud, destaca a palavra *elipse* com a qual Lacan (1966[1998]) joga. Assim, *elipse* designa tanto um itinerário espacial, como uma figura de retórica pela qual uma palavra ou parte dela é omitida. Ao se referir ao

movimento giratório elíptico, a autora o caracteriza como “o itinerário espacial não circular e não uni-centrado dos planetas” (p. 66, tradução nossa). Continua afirmando que esse movimento, ao ser transposto para o campo da linguagem, na perspectiva lacaniana, consiste não em um centro em torno do qual giram circularmente as palavras, mas em um movimento elíptico: “Podemos entender que é porque o sujeito é descentrado, é atraído, por assim dizer, bifocalmente em duas direções gravitacionais diferentes, que sua fala se torna necessariamente elíptica – que partes dela caem no inconsciente [...]” (p. 66, tradução nossa).

A esse movimento a autora chama *reflexividade radicalmente elíptica*, ou seja,

[...] é precisamente a forma pela qual um movimento reflexivo, ao retornar a e sobre si mesmo, efetivamente *subverte a si mesmo* – encontra outra coisa diferente do que havia esperado, do que havia procurado de início; o modo pelo qual o que está girando, o que retorna a si, radicalmente desloca o próprio ponto de observação. (p. 67, tradução nossa, ênfase da autora)

Segundo Felman (1987), a proposta lacaniana sugere o fato dessa reflexividade estar intrinsecamente relacionada à originalidade a qual consiste naquilo que surge como surpresa, algo que é novo não só para o outro, como também para si mesmo.

Convém ainda indicar que, na proposta lacaniana da repetição, não faz sentido separar o *mesmo* e o *diferente*, na medida em que, entre eles, haveria uma espécie de *cópula*. Em outras palavras, não se podem excluir semelhança e diferença “que se colocam no princípio da diferenciação”. (LACAN, 1966-1967[2017], p. 193)

No que se refere ao estudo da linguagem da criança, Carvalho (2019) convoca a proposta de Garcia Roza (1986), assumindo que a repetição – que daremos ênfase neste artigo – admite não só o novo, o diferencial, mas também engloba o acaso e possui uma dimensão lúdica.

Em relação aos efeitos provocados por esse tipo de repetição, na constituição do sujeito falante, ou seja, na constituição do significante nas produções verbais da criança, convocamos Cláudia Lemos (2002), para quem, numa posição inicial do *vir a ser falante* – posição que ela denomina *espelhamento* –, embora a fala infantil reflita/espelhe a fala do outro (a mãe) –, não há coincidência entre as duas falas. Desse modo, apesar de se tratar de repetição, pela criança, de fragmentos de produções verbais da figura materna, essa relação mostra-se assimétrica, tendo em vista que a própria noção de espelhamento implica reflexos não coincidentes. Em 1986, em seu texto *A sintaxe do espelho*, Cláudia Lemos já afirmava que, no espelho do Outro, convivem dialeticamente a fusão e a diferenciação, o que possibilita, em aquisição de linguagem, o movimento em prol da diferença. Assim, na visão dessa autora, numa posição inicial, a criança é capturada (pelo) e alienada ao discurso do outro/Outro; mas, em virtude da não coincidência entre as falas da criança e da mãe, a diferença e a separação aparecem como a outra face da alienação. Por sua vez, a diferença ganha visibilidade quando, ao mudar de posição, a criança produz erros e enunciados insólitos.

O mesmo e o diferente se encontram, portanto, na fala infantil, à maneira de uma *cópula*, para usar o termo referido antes em relação à proposta lacaniana.

Realçando a dimensão sonora da fala, Porge (2014) traz à tona a noção de *eco*, segundo a qual a fala da criança *ecoa* a fala do outro e vice-versa, *eco* que ele denomina “espelho sonoro”⁵, usando a expressão de Didier Anzieu (apud PORGE, 2014, p.121). Por sua vez, Carvalho (2019) destaca os *ecos* que ocorrem no interior da fala infantil, por meio de um movimento de associações e permutas/substituições entre segmentos sonoros, chamando esse movimento de *espelhamento sonoro interno*.

5 Preferimos usar a expressão espelhamento sonoro, para manter o termo (espelhamento) adotado por Lemos (2002).

A questão do *espelhamento sonoro interno* em aquisição de linguagem

Em relação ao espelhamento, conforme foi colocado antes, aderimos à proposta de Cláudia Lemos (2002) que concebe a repetição em aquisição de linguagem como espelhamento recíproco, ou seja, a criança reflete a fala da figura materna que, por sua vez, por meio de interpretações, espelha as produções verbais infantis.

Retomemos, então, a proposta de que a maneira como a criança repete ludicamente fragmentos sonoros no interior de sua própria fala – o já referido *espelhamento sonoro interno* – implica transformações. Em outras palavras, é de capital importância que haja repetição (com diferença) no brincar com os sons da língua – os *jogos sonoros infantis* –, pois, na medida em que a criança persistisse em determinados segmentos sonoros, tal feito resultaria na diferença, em algo novo e original. Dessa forma, o *espelhamento sonoro interno* se caracterizaria por sucessivas subversões de produções sonoras da criança, tendo em vista a impossibilidade de se alcançar o mesmo. Admitimos, neste trabalho, que esse tipo de espelhamento aproxima-se da nova concepção lacaniana de reflexividade discutida por Felman (1987). Lembremos que essa reflexividade consiste numa tentativa de repetir e retornar ao ponto inicial, tendo como consequência sua impossibilidade, ou melhor, a assimetria: “uma reflexividade, portanto, que, passando pelo Outro, retorna a si mesma sem ser capaz de se juntar novamente a si mesma; uma reflexividade que é, assim, não totalizável, isto é, irreduzivelmente dialógica [...]” (FELMAN, 1987, p. 60).

Pommier (2007), por sua vez, destaca que a repetição do grito do bebê deixa visível o caráter transformador e mutável da repetição. Assim, o eco de um grito não reproduz o grito “original”, mas, através de repetições/reverberações, faz com que ele apareça com diferenças. Nessa linha de pensamento, o autor afirma: “O diferencial esquece o som” (POMMIER, 2004, p. 124). Refere-se a *associações sonoras* que recalcam as sensações diretas e coloca:

“A associação de um grito a outro qualifica um objeto já diferente daquele das sensações diretas”. (p. 142). Assumindo a proposta desse autor, Carvalho (2019) concebe que, na brincadeira que a criança realiza com suas sonorizações, ocorrem sucessivas associações que, por sua vez, implicam o recalque de outras sonorizações anteriormente produzidas. Nessa perspectiva, a criança, ao procurar repetir as sonorizações, realiza jogos sonoros marcados por associações e reconfigurações dos sons advindos da fala do outro e que reverberam em sua própria fala, na tentativa de produzir o mesmo que jamais será reencontrado. Não parece demais repetir que a perda que ocorre, na tentativa fracassada do sujeito de repetir o mesmo, deixa uma marca, um traço, conforme assumem os teóricos lacanianos.

Vale notar que não poderíamos colocar em discussão a repetição, do ponto de vista psicanalítico, sem abordarmos, embora rapidamente, as operações de alienação e separação. Lacan (1966-1967[2017]) dá um estatuto lógico a essas operações, lançando mão da *reunião* e da *intersecção*. Conforme coloca Vorcaro (1999) nessa perspectiva, a alienação implica a operação lógica da *reunião*, na medida em que o encontro do ser vivo com o Outro (lugar da palavra, da cadeia significante), subverte o ser, “produzindo por esse efeito [da palavra] o apagamento do fluxo vital do ser” (p. 24). Em outros termos, “o ser vivo é chamado a funcionar como sujeito, uma vez que sua condição de ser desaparece, é anulada pelo que ele se torna para um Outro.” (p. 24). Desse modo, a alienação constitui o sujeito e Lacan (1966-1967/2017) a caracteriza como sendo uma *escolha forçada*. Não há outra maneira do ser vivo se tornar sujeito a não ser por meio das representações e dos sentidos produzidos pelos significantes que lhe são dirigidos pelo outro, ou seja, pela figura materna que ocupa um lugar no Outro original. Assim, a criança se aliena às representações e significantes, deixando ver a posição de destaque ocupada pela repetição/ *espelhamento* na constituição do falante. Relembremos, contudo, a impossibilidade de reencontrar o mesmo, advindo, portanto, a não coincidência, um intervalo, um vazio. Retomemos Vorcaro (1999),

no ponto em que essa autora destaca que, como efeito da incidência da palavra no ser, ocorrem duas faltas que se superpõem: uma falta no ser, em virtude de sua perda, ou melhor, em virtude de sua transformação em *não ser*, e uma falta no Outro que não é completo, não forma um todo, na medida em que lhe falta significante (o significante do sujeito). É, portanto, nesse lugar do que se perdeu – ou seja, na superposição entre as duas faltas – que ocorre a separação. Essa autora ainda nos lembra que, segundo a proposta lacaniana, o sujeito é concebido por aquilo que um significante representa para outro significante; assim, é do intervalo entre um significante e outro na cadeia, ou seja, da falta, do vazio que advém o falante, isto é, que o ser se transforma em sujeito.

Finalizando este item, colocaremos em discussão, a seguir, a questão da repetição na ecolalia do autista.

Breve abordagem do autismo: a repetição ecolálica

Apesar de não ser nosso intuito entrar nas discussões sobre a conceituação ou a etiologia do autismo, consideramos importante entender algumas características que são atribuídas a esses sujeitos, tais como: dificuldades nas relações sociais, na comunicação, presença de comportamentos repetitivos, interesses restritos, verbalizações ecolálicas, entre outras. É comum encontrarmos, na literatura, múltiplas compreensões sobre o autismo e, no que concerne à aquisição de linguagem, são amplas as diferenças entre os arcabouços teóricos, inclusive entre propostas no campo da psicanálise.

Existem, portanto, autores que partem do viés de que esses sujeitos estão fora do mundo da linguagem ou, melhor dizendo, que seus enunciados não possuem sentido, sendo marcados pelo vazio subjetivo e pela imobilidade linguística; nessa direção, podemos citar metáforas que são usadas para se referir ao autista como, por exemplo, “papagaios” (KANNER, 1943) ou, em psicanálise, “fortalezas vazias” (BETTELHEIM, 1987).

Quanto à questão da linguagem no âmbito da psicanálise, para alguns, os autistas se situam fora ou ao lado da linguagem, enquanto que outros destacam o fato de serem sujeitos bastante “verbosos”, como nos afirmou Lacan (1998), em 1975, na Conferência de Genebra sobre o sintoma, quando sugere que os analistas devem escutar esses indivíduos.

Vale ressaltar que, diante das influências da teoria lacaniana, novas concepções sobre a “fala” do autista foram lapidadas; dentre elas, podemos apontar para as contribuições de Lefort e Lefort (1983) destacadas por Souza (2011), em que os autores formulam que, no sujeito autista, *não há Outro*, indicando que este, somente, há no seu estatuto de Real: “para o sujeito autista tudo é Real, já que a operação de ausência/presença – *Fort-Da* Freudiano – como inscrição simbólica não opera” (SOUZA, 2011, p. 53). Maleval (2010), por sua vez, refere-se à recusa, pelo sujeito autista, de ceder o objeto do seu gozo vocal, de modo que resiste à alienação significante. Nessa perspectiva, Catão e Vivès (2011) admitem, na história dessas crianças, “principalmente, uma recusa da voz do Outro, expressa por uma não-resposta ao chamado, mutismo, estereótipos sonoros e ecolalia” (p. 88-89).

No que toca, propriamente, a ecolalia, os autores a concebem como “a tendência a repetir automaticamente sons ou palavras ouvidas”. (FERREIRA, 1999, apud PIRES, 2007, p.70). Segundo Pires, “algumas crianças, por exemplo, surpreendem-nos com sua capacidade de reproduzir em minúcias as palavras e entonações de um programa televisivo ou radiolístico, resgatando cada palavra com precisão; ou mesmo a letra de uma ou mais músicas” (2007, p. 71).

Convém indicar a polêmica que invade a concepção de ecolalia, polêmica que Oliveira (2003) deixa clara ao realçar a grande heterogeneidade no que diz respeito a sua caracterização e definição.

Destacamos, especificamente, nessa polêmica, a questão do estatuto da ecolalia: ora ela é considerada como reprodução, ora como uma repetição. Conforme Rego (2015), para alguns, como

Lasnik-Penot (1997), esse tipo de verbalização nem mereceria o nome de *repetição*, considerando que, em psicanálise, repetição implica diferença, pertencendo, portanto, à ordem do simbólico. Por sua vez, outros admitem, como Oliveira (2001), que, embora o termo repetição seja inadequado para designar a ecolalia, “reprodução é recolocação do mesmo, sem diferença. A rigor, diferença pode haver se considerarmos casos em que, empiricamente, a criança não repete o todo da fala do outro, apenas parte”. (p. 91). Para essa autora (OLIVEIRA, 2003), não há coincidência entre a fala do outro e a fala da criança, mesmo que seja ecolálica, uma vez que ocorre “[...] algo para além da mesmice perturbadora: uma diferença no segmento enunciado, uma entonação atípica, uma fala sincopada, que o outro não produziu” (p. 356).

Essa oscilação inevitavelmente se reflete na questão da *alienação e separação*. Sobre isso, Santos (2015) realça que a repetição decorre dessas duas operações, admitindo em relação às produções ecolalias das crianças apresentadas em sua Dissertação: “Não penso que se pode falar em repetição, dado que as operações de alienação e separação não se completam” (p. 80)

Vorcaro (1999) propõe que essas duas operações “podem ser disjuntas, já que a separação pode, aí, não ter incidido” (p. 28). A não incidência da separação, segundo essa autora, é indicada na *holófrase* – que caracteriza a ecolalia – em virtude daquilo que, na concepção lacaniana, consiste numa solidificação entre os significantes S1 e S2 (primeira dupla de significantes); trata-se, portanto, da ausência de intervalo entre os dois, não permitindo, como consequência, a separação, o vazio, os intervalos entre os significantes que constituem a cadeia verbal. Na perspectiva de Pozatto e Vorcaro (2014, p. 143), citando Vorcaro (2003), destacam:

A criança autista entra na alienação significativa para, em seguida, recusar-se a ela, não chegando nem ao assujeitamento à linguagem nem à distinção das faltas (do ser e do Outro) que se sobreporiam, estabelecendo a intersecção entre o campo do ser e o campo do Outro, em que se opera a separação.

Essas autoras se referem a Maleval (2012), segundo quem, com base em alguns dados, o autista ora estaria incluído na alienação significativa, ora não estaria, “o que lhe permite concluir que o autista está inserido em uma *alienação parcial*” (POZZATTO; VORCARO, 2014, p. 144, ênfase nossa) e admitem a “impossibilidade de [o autista] se alienar completamente na linguagem”. (p. 144).

Vale mencionar que, para as autoras citadas, a alienação no processo de aquisição de linguagem implica a separação; no entanto, em algumas patologias da linguagem, algo ocorre nesse processo. Essas autoras colocam ainda as ideias de Soler (2007), segundo as quais os autistas não fazem a inversão da mensagem recebida do Outro, “pois não entram na alienação significativa por conta própria, sendo capturados na alienação significativa apenas no nível da fala e dos significantes do Outro”. (p. 147). O psicótico e o autista estariam, segundo a autora (apud POZZATTO; VORCARO, 2014), inseridos na linguagem, mas fora do discurso, sendo, portanto, um sujeito, mas não um enunciador.

Barros; Vilar de Melo; Carvalho (2013) se referem a um aprisionamento do autista à fala do outro com fundamento em Arantes (2001):

[...] assumimos que o espelhamento, embora proporcione a mudança, isto é, permita a passagem a uma outra posição estrutural, pode também, em algumas circunstâncias, fixar a criança à fala do outro, colocando dificuldades a essa passagem. (ARANTES, 2001). Nessa perspectiva, o espelhamento, ao mesmo tempo em que pode aprisionar, possui caráter estruturante. Supomos, então, que a rigidez das verbalizações do autista poderia, de algum modo, ser quebrada por algum movimento/ mudança na fala do outro presente nessas verbalizações (p. 251)

Laznik-Penot (1997) propõe, com base na escuta de três crianças por ela atendidas, que uma escuta analítica de suas produções sonoras, por mais insignificantes que possam parecer, “permite a

emergência de uma fala que a criança pode a posteriori reconhecer como sua” (p.10).

Assim, conforme admite Lacan (1975[1983]), “uma palavra não é palavra a não ser na medida exata em que alguém acredita nela” (p. 272). Nessa perspectiva, Lasnik-Penot (1997) dá destaque à denominação winnicottiana *a loucura necessária das mães*, cuja escuta/interpretação resulta em atribuições de significações onde há apenas massas sonoras. Em outras palavras, a mãe faz cortes nas produções sonoras da criança e a elas atribui significantes dentre tantos outros possíveis.

Ao abordar o caráter imprescindível do reconhecimento do outro para as manifestações do *infans*, Vorcaro (2016) recorta a expressão lacaniana “uma espécie de resíduo do real” em que o psicanalista situa algo de operatório na ordem simbólica. Essa espécie de resíduo do real, segundo a autora, poderia ser um mecanismo reflexo ou uma resposta subjetiva decorrente de uma imposição da ordem simbólica ao organismo. Frisa, entretanto, que “o que faz desse resíduo uma função operativa no campo simbólico é o fato de ser reconhecido pelo próximo como manifestação subjetiva, ou seja, por ter valor de resposta, estando portanto, concatenado à ordem simbólica que lhe é imposta”. (p. 8).

Sobre esse aspecto, entendemos que, na maioria das vezes, pais e especialistas mostram-se ensurdecidos diante das produções sonoras de crianças e adolescentes autistas, ensejados em bases intuitivas ou teóricas que admitem a deficiência ou a ausência da inserção de sujeitos autistas no campo da linguagem, principalmente quando se trata de produções ecológicas.

Retomemos a proposta de Oliveira (2003), de que “singulares são as falas de pacientes que, mesmo apresentando a característica de serem ‘repetições da fala do outro’, apresenta um sujeito – algo para além da mesmice perturbadora” (p. 356), necessitando que o outro/Outro reconheça essa singularidade, conforme destaca Vorcaro (2016).

Admitimos com isso que, ao excluirmos os sujeitos autistas do mundo da linguagem, estamos nos fechando diante de suas produções sonoras, de suas manifestações singulares e da marca que cada sujeito opera diante da linguagem. Tomamos como norte que as repetições ecológicas não são meras reproduções e imitações dos enunciados proferidos pelo outro. Ancoramo-nos nas investigações de Rego (2015), quando essa autora parte do pressuposto de que a fala ecológica, apesar de estar aparentemente fora do discurso comunicante, pode engajar o aparelho psíquico da criança em uma constituição estruturante do sujeito, haja vista que, apesar do autista se encontrar externo ao discurso, não está fora do campo da linguagem.

Sobre a singularidade da ecolalia, lembremos que, na mitologia grega, a Ninfa Eco fora destinada a repetir sempre as últimas palavras de seu interlocutor, “restando dela apenas os ossos convertidos em pedra e a voz a ecoar pelos montes” (PENA, 2017, p. 20), destino este traçado pela maldição da deusa Hera, esposa de Zeus. Ao se confrontar com esse mito, Pires (2007) destaca que é na seleção, no recorte das últimas palavras da fala de Narciso, por quem Eco se apaixonou, que a ninfa imprime sua marca; com esse recorte, afirma a autora, a ninfa parece exercer controle sobre quando se inicia e quando finaliza sua fala, sendo assim capaz de veicular seu sentido.

No que diz respeito à marca deixada pelo autista, Maleval (2012) menciona o caso de Elly, destacando seu ato de cantar a música *Alouette* no momento em que os pais penteavam seus cabelos, apontando para o fato de que a canção infantil francesa insiste na criança em determinada cena: a de tomar banho. Por sua vez, Rego (2015), ao analisar as verbalizações de um adolescente com diagnóstico de autismo, propõe o seguinte questionamento: “Será que as produções ecológicas nas crianças autistas emergem ao acaso? Será que poderíamos falar num movimento de seleção/eleição subjacente à emergência dessas produções?” (p. 55), haja vista a grande insistência dos termos marcados pelo sentido de

destruição, como *quebrar*, *rasgar*, *explodir*, entre outros, nas produções desse adolescente.

Pelo que foi posto, adquire especial destaque, neste artigo, a questão da *marca* deixada pela repetição, tanto no que concerne às crianças ecológicas, como àquelas sem dificuldades.

Uma ilustração: tentativa de confronto entre dois tipos de repetição

Lembremos que este artigo se propõe a uma tentativa de confronto entre o que chamamos de espelho sonoro interno e a verbalização ecológica do autista, visando a lançar um pouco de luz sobre a posição ocupada pela repetição em aquisição de linguagem. Assim, a título de ilustração e na tentativa de fornecer alguma base empírica à abordagem dessa proposta, transcreveremos dois episódios⁶: um deles contém repetições de segmentos sonoros de uma criança com idade de 1 ano e 3 meses, do sexo feminino – que não possui dificuldade no percurso de aquisição de linguagem – em relação dialógica com sua mãe⁷. O outro traz verbalizações ecológicas de um adolescente com diagnóstico de autismo, com idade de 11 anos e 13 dias, participando, no momento das gravações, de sessões de terapia em grupo em Instituição especializada no atendimento a autistas na cidade onde reside⁸. Desses adolescentes, selecionamos um, atendendo ao critério de apresentar verbalização ecológica, segundo os objetivos da pesquisa. Lançaremos nosso foco na *marca* que singulariza tanto os jogos sonoros na fala infantil inicial, como a ecolalia no autismo.

Cabe destacar que a diferença de idade entre o sujeito com dificuldade de linguagem (com 11 anos e 13 dias) e a criança sem dificuldade (com 1 ano e 3 meses) não caracteriza uma interferência

6 Cada episódio é constituído por fragmentos do registro de uma sessão, dada a impossibilidade de colocar, no espaço de um artigo, a totalidade da sessão transcrita.

7 Esses episódios foram recortados de transcrições de gravações em áudio pertencentes ao Banco de Dados do Projeto de Aquisição de Linguagem do IEL/UNICAMP.

8 Trata-se de transcrições de gravações em vídeo que nos foram fornecidas pela terapeuta/pesquisadora da referida Instituição e também fazem parte de Banco de Dados.

negativa diante de nossa discussão, haja vista que as repetições ecológicas são marcas de uma idade mais avançada nos sujeitos autistas.

Episódio 1

M= mãe C= criança (1 ano e 3 meses)

(M e C estão na cozinha fingindo cozinhar)

M: O que você tá fazendo? Tá gostoso? Caiu a colher!

C: pa/pa/pa pa a/u/obu/ovu/ovu/ovu/ovu

M: Cadê o ovo?

C: *ovu u ovu*

M; Ah! A colher que cê quer?

C: *ovu/ovu/ovu ovu ovu*

M: Aqui num tem ovo nenhum.

C: *ovu/ovu/ovu ou*

M: Faz este ovo. Olha aqui o ovo. Tá bom o ovo? (ovo caiu) Caiu! Ué!

C: ô bou/ô/ê/ê/ê

M: (Tosse)

C: (Imita a tosse de M)

M: Cê tá com tosse?

Tem que tomar xarope, não?

C: *ou tá bô/bô/bô/ o vô/vô vo ô vo ô*

[...]

M: *Cabou o ovo* (esconde)

C: *abô*

M: *Acabou*

C: *bô*

M: *Acabou*

C: *abu/abu/abu*

M: Acabou o ovo

C: *ovu abou*

M: Acabou o ovo

C: *abô bô bô*

M: Acabou o ovo

(C faz M abrir a boca)

M: Eu num tô comendo o ovo, não.

C: *ouo/ouo*

Episódio 2

P= adolescente com diagnóstico de autismo (11 anos e 13 dias) T1= (uma das terapeutas)

(P se encontra no centro do pátio da Instituição onde ele é atendido)

[...]

T1: Ah, Ah!

Tu tá rindo, é?

P: Castelo Ratimbu!

T1: Ah, quem é que tá rindo? É você...?

P: Não, Zequiiiiinha!

T1: Ah, Zequinha do Cas...

P: Zequinha, chorando!

T1: Ah, tá chorando?

P: Do Castelo Rastelo Ratimbu.

Vou me bora!

[...]

T1: Tu tá chorando, P?

P: Beterraba, Maria, Novela Uga Uga.

T1: Ah?

O que é que eles estão fazendo?

P: É

P: Beterraba, Maria!

T1: Ah!

P: Beterraba e Maria.

T1: Também, P?

P: Ah?

T1: Mas esse povo todinho chorando?

T1: Beterraba, Maria!

P: Beterraba, Ma... Beterraba chorando, quer me bora!

Chora Beterraba, T1! (ordem)

[...]

P: Cabra chorando, quer me bora.

T1: Ah! Cabra tá chorando também, quer ir embora?

P: É!

T1: Nossa!

P: Chore, T1 (ordem)

T1: Eu ou a cabra?

P: Chore

T1: Sou eu que tou chorando ou a cabra

P: É

T1: Quem é ?

P: Chore, T1!

T1: Eu?

[...]

P: Quer pra casa!

T1: Ah?

P: Quer pra cabra!

T1: A cabra quer ir pra casa

P: É

T1: Eu quero ir pra casa

[...]

No episódio 1, o que produziu efeito de insistência, em nossa escuta, foram os segmentos sonoros *ovu* e *abô*, em torno dos quais girará, portanto, nossa análise do diálogo transcrito. Após a indagação de M: “Tá gostoso?”, a criança produz *obu* que reverbera em *ovu* pela substituição do fonema *b* por *v*. Podemos supor que o *obu* da criança seria um espelhamento sonoro do enunciado materno, em virtude da semelhança sonora entre o segmento final de *gostoso* e a produção de C.

Por sua vez, a mãe, em sua interpretação, espelha o segmento sonoro infantil, fixando-lhe uma forma e sentido – conforme Cláudia Lemos, 2002 – por meio de sua inclusão na cadeia: “Cadê o ovo?”, ou melhor, ela transforma o *nonsense* dos segmentos sonoros numa cadeia que produz sentido. O segmento *ovu* se repete na fala infantil, reverberando em *ou*, com a perda do fonema *v*. Em seguida, a mãe deixa claro que, na cena onde ocorre o diálogo, não existe o referente *ovo*, criando, entretanto, esse referente através de um jogo de faz de conta; ao exclamar “Caiu!”, segue-se, então, a produção infantil “ô bou/ô/ê/ê/ê”. Essa produção sonora reverbera, mais adiante, na fala de C, em “ou tá bô/bô/bô/ o vô/vô vo ô vo ô”. Conforme ocorreu anteriormente, a mãe, em sua interpretação, espelha esses segmentos sonoros infantis, atribuindo-lhes forma e sentido, por meio da cadeia “Acabou o ovo”, fazendo re-

tornar uma brincadeira recorrente entre ela e a filha, em que um objeto cai ou é escondido, seguindo-se a pergunta: “Cadê X?” ou a afirmação “Acabou X”.

Convém ressaltar que a criança espelha os segmentos *abo* e *ovu* que reverberam em “abu/abu/abu” e em “abô bô bô”, ocorrendo, então, perdas de fonemas com ou sem substituições por outros fonemas. Podemos supor, ainda, que o segmento sonoro *ovu* tenha se refletido em *abô*, resultando, desse espelhamento, o segmento *abu*. Admitimos, assim, que as subversões sonoras implicadas nas repetições de C (episódio 1), estariam antecipando o surgimento do significante na fala infantil, na medida em que algo se perdeu nessas repetições, conforme foi indicado. A substituição do fonema *b* por *v*, em *obu*, por exemplo, marca não apenas a perda de *b*, mas também abre um espaço, um lugar no segmento sonoro, marcando, enfim, nesse segmento, uma ausência, uma falta.

Sem pretendermos aplicar um conceito lacaniano à repetição sonora infantil, até porque estamos diante de um vir a ser falante, um sujeito ainda em constituição, sugerimos recorrer à chamada *nova reflexividade*, a fim de lançar um pouco de luz sobre essa repetição. Assim, o retorno do segmento sonoro sobre ele mesmo, produz cortes nesse segmento, deixando-lhe a marca de uma perda, conforme foi visto, o que aponta para a diferença, ou melhor, para a *cópula* entre o mesmo e o diferente. Essa *cópula* suspende, portanto, a existência de um centro, constituindo, desse modo, um movimento em elipse, conforme coloca Felman (1987). Temos, assim, a criança – futuro falante – carregando a marca de uma perda que possui, segundo a proposta lacaniana, o estatuto de constituinte do sujeito. Essa perda retornará com diferença, na cadeia significante, como falta, como vazio, como intervalo no qual surge (de forma evanescente) o sujeito. Segundo Felman (1987), esse movimento em elipse de retorno ao mesmo, não é uni-centrado, diferentemente do movimento circular. Nessa perspectiva, nosso exemplo indica a impossibilidade de fixar-lhe um centro em *ovo*, uma vez que as subversões, nesse segmento sonoro, fragmentam esse “centro”, fazendo deslizar seus fragmentos.

Em relação ao episódio 2, que contém a verbalização ecológica de um adolescente diagnosticado como autista (P1), fomos capturadas pela insistência com que retornam os segmentos sonoros *chorando* e *quer me bora*. Notamos, entretanto, uma variedade de segmentos (termos) que entram nas verbalizações de P, como por exemplo: nomes de personagens de histórias em quadrinho, de filmes, de novelas, algumas vezes juntando-se a *chorando* ou a *quer me bora*. (“Zequinha, chorando!”. “Beterraba chorando, quer me bora!”). Assim, podemos dizer, com Lacan (1975[1998]), que o menino é *bastante verboso*, o que nos impede de tachar sua linguagem de imóvel, fixa, estando sua ecolalia marcada por um intenso e contínuo movimento. Faz-se necessário, contudo, debruçarmos-nos com especial cuidado sobre a natureza desse movimento, à luz daquele com que nos deparamos no episódio 1. Esse enfoque nos faz então supor que a verbalização de P dá voltas circulares em torno de *chorando* e *quer me bora* que estariam funcionando como *centro* desses círculos, diferentemente dos giros em elipse que rompem um centro único pelas modificações/partições/rupturas que nele provocam, como se pôde indicar. Vale notar que, em alguns momentos, aparecem a forma *chora* ou *chore* (“Chora Beterraba, T1!”) – que a terapeuta (T1) interpreta como uma ordem a ela dirigida –, retornando, porém, a forma: *chorando*. O mesmo ocorre quando o menino produz a modificação “Vou me bora” que retorna ao “Quer me bora”. Poderíamos dizer então que os giros, as repetições, nas verbalizações ecológicas, não conseguiriam provocar suficientes rupturas, cortes, faltas, vazios nos segmentos sonoros para que eles deixassem de funcionar como centro de um movimento circular.

É importante, contudo, registrar o momento em que P produz *quer pra casa* e, diante do estranhamento de T1 (Ah?), repete, substituindo *casa* por *cabra* (“Quer pra cabra!”), termo que já havia aparecido antes, o que nos surpreendeu e nos deixou uma interrogação: essa substituição, embora pontual – posto que os segmentos *chorando* e *quer me bora* continuaram retornando – não estaria apontando para uma possibilidade de ruptura, de corte,

portanto, de mudança? Convém destacar que, muitas vezes, não conseguimos destacar essa possibilidade de mudança no autismo. E mais ainda: muitas vezes, ficamos surdos às marcas que singularizam o autista.

Considerações finais

Consideramos relevante a retomada de dois pontos que passaram nossa abordagem da repetição em aquisição de linguagem: a questão da *marca* e a questão da *alienação/separação*. No que toca o primeiro ponto, retomemos a proposta lacaniana de que a repetição deixa um traço ou uma marca. A esse respeito, podemos indicar que a repetição de segmentos sonoros, na fala infantil, deixa neles a marca de uma ausência. Lembremos que o episódio 1 mostrou que as associações e permutas/substituições sonoras produziram cortes, abrindo lugares de falta, vazios nos segmentos espelhados pela criança, conforme foi visto antes. Note-se que essa operação de corte fica especialmente visível nos giros em elipse que ocorrem no movimento que denominamos *espelhamento sonoro interno*. Assim, podemos dizer que o *vir a ser falante* é marcado, no espelhamento, por uma ausência que lhe antecipa a cadeia significativa, ou melhor, que lhe antecipa a condição de falante. Por sua vez, em relação às verbalizações ecológicas, no episódio 2, diríamos que as voltas em círculo dessas verbalizações deixariam, no autista, a marca de uma presença. Dizendo de outro modo, o contínuo retorno a segmentos sonoros que servem de centro aos giros ecológicos interromperia a abertura de um lugar vazio nesse centro.

Convém notar que essa marca singulariza o adolescente (P1), assim como, no mito, a marca da deusa Eco consiste na “repetição” de um segmento final da fala do outro. Nessa direção, seguem também os exemplos referidos antes que destacam a insistência, ora de um sentido que agrega vários termos (REGO, 2015), ora de uma canção (MALEVAL, 2012).

Vale realçar que a marca de ausência nos jogos sonoros da criança sem dificuldade também a singulariza, na medida em que, conforme destaca Maria Teresa Lemos (2002), as crianças não entram na linguagem da mesma maneira, ou melhor, seriam vários os caminhos pelos quais essa ausência incide no ser.

Quanto ao segundo ponto, relembremos a oscilação que envolve a abordagem da questão da alienação no autista. Recortamos, aqui, o fato de Vorcaro (1999) e outros autores admitirem que, no autismo, a alienação aparece disjunta da separação, quando se tem concebido esta segunda operação como a outra face da primeira, marcando, portanto, uma indissociabilidade entre as duas (CLÁUDIA LEMOS, 2002, POZATTO; VORCARO, 2014). Realçamos também a expressão *alienação parcial* (MALEVAL, 2012) atribuída ao autista, indicando que não poderíamos, neste ponto, pensar em termos bipolares, ou seja, em termos de *positivo ou negativo*, excluindo uma terceira possibilidade.

Diante do que foi posto, indagamos: a oscilação destacada não estaria apontando para uma impossibilidade de abordar a operação de alienação, no autismo, à luz de uma bipolaridade? Continuando: não se trata, nessas circunstâncias, da impossibilidade de concebermos “ou a existência da alienação ou a sua não existência” o que caracteriza a exclusão de uma terceira possibilidade? Como consequência, essa indagação se estende ao par: *reprodução vs repetição*. Conforme vimos, a seleção de um aspecto de linguagem, que comanda as voltas da verbalização ecológica, estaria funcionando como marca da presença do autista, fazendo com que essas voltas não pudessem ser consideradas como meras reproduções. Por sua vez, a concepção de repetição que implica a diferença, o corte, a falta, o lugar vazio, conforme indicado neste trabalho, não poderia ser atribuída, seguramente, a tais verbalizações. Desse modo, resta-nos admitir uma terceira possibilidade que se situa entre um polo e outro, entre a reprodução e a repetição.

Encerramos, então, este artigo com duas indagações em relação a manifestações verbais da criança com dificuldades: não

deveríamos considerar, entre *reprodução e repetição*, uma terceira possibilidade que ganhou visibilidade, em nossa escuta para a ecolalia? Não estaria essa abordagem da ecolalia no autismo retornando ao estudo da repetição em aquisição de linguagem, para que novas questões sejam formuladas em investigações futuras?

Referências

ARANTES, Lúcia Maria Guimarães. As Múltiplas faces da Especularidade. **Letras de Hoje**, 36(3), p. 253-259, 2001.

CARVALHO, Glória Maria. Notas sobre a relação lúdica da criança com a língua: a questão do recalque dos sons. **Revista do Gel**, v. 16, n. 3, p. 111-126, 2019.

MORAES, Maria Eduarda. A repetição de sons na relação lúdica da criança com sua língua materna. **Relatório Final de Pesquisa**, PIBIC, 2020.

BARROS, Isabela B. do Rego; VILAR DE MELO, Maria de Fátima; CARVALHO, Glória Maria Monteiro. **A relação entre ecolalia-linguagem e sujeito no autismo**: um estudo de caso.

Revista FSA, v.10, n.1, p. 244-263, 2013.

BETTELHEIM, Bruno. **A fortaleza vazia**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

CATÃO, Inês; VIVÈS, Jean-Michel. Sobre a escolha do sujeito autista: voz e autismo. **Revista Estudos de Psicanálise**, n. 36, p. 83-92, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Trad. de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1968[1988].

FELMAN, Shoshana, **Jacques Lacan and the adventure of insight**. Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press, 1987.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar. *In*: **Obras completas**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 10, p. 147-158, 1914 [2010].

FREUD, S. O inquietante. *In: Obras completas*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 14, p. 328-376, 1919 [2010].

FREUD, S. Além do princípio do prazer. *In: Obras completas*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 14, p. 120-171, 1920 [2010].

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões**. Rio de Janeiro Zahar, 1986.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 21ª ed. São Paulo: Cultrix, 1963[2008].

KANNER, Leo. Os distúrbios autísticos do contato afetivo. *In: Rocha, Paulina S. (Org.). Autismos*. São Paulo: Escuta, p. 111-170, 1943[1997].

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. *In: Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966[1998], p. 793-842.

LACAN, Jacques. **O Seminário: Livro 1: Os escritos técnicos de Freud** (1953-1954). Trad. de Betty Milan Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1975[1983].

LACAN, Jacques. Conferência em Genebra sobre o sintoma. **Opção Lacaniana**, 23, p. 6-16, 1975[1998].

LACAN, Jacques. **A lógica do fantasma**. Recife: Publicação não comercial de circulação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife 1966-1967[2017].

LAZNIK-PENOT, Marie Christine. Trad. de Mônica Seincman. **Rumo à palavra**. São Paulo: Escuta, 1997.

LEMOS, Cláudia Thereza G. A Sintaxe no Espelho. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n.10, p. 05-15, 1986.

LEMOS, Cláudia Thereza G. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 42, p. 41-69, 2002.

LEMOS, Maria Teresa G. **A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição de linguagem**. Campinas: Mercado de Letras/ FAPESP, 2002.

LIER-DE VITTO, Maria Francisca. Patologias da linguagem: sobre as “vicissitudes de falas sintomáticas”. In: LIER-DE VITTO, Maria Francisca.; ARANTES, Lúcia (Orgs). **Aquisição, Patologia e Clínica de Linguagem**. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006, p. 97-107.

MALEVAL, Jean Claude. O que existe de constante no autismo? Trad. de Emilia Firmino. **Revista CLINICAPS**, v.4, n°11, 2010.

MALEVAL, Jean Claude. Língua verbosa, língua factual e frases espontâneas nos autistas. In: MURTA, Alberto; CALMON, Analícea.; ROSA, Márcia. (Orgs). **Autismo(s) e atualidade: uma leitura lacaniana**. Porto Alegre: Artmed, p. 45-70, 2012.

METZGER, Clarissa. **A sublimação no ensino de Jacques Lacan: um tratamento possível do gozo**. São Paulo: Editora EDUSP, 2017.

OLIVEIRA, Mariana T. **Ecolalia: Quem fala nessa voz?** 2001, 101 p. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, PUC-SP, São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, Mariana T. A diversidade sintomática na ecolalia. **Distúrbios da comunicação**, 14 (2), 351-360, 2003.

PENA, Abel N. **Eco e Narciso: leituras de um mito**. Lisboa, *Cotovia*, 2017.

PIRES, Luciana. **Do silêncio ao Eco: autismo e clínica psicanalítica**. São Paulo, FAPESP, 2007.

POMMIER, Gérard. Da passagem literal do objeto ao moedor do significante, In: MELMAN, Charles *et al.* **O significante, a letra e o objeto**. Trad. de Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

POMMIER, Gérard. **Comment les neurosciences démontrent la psychanalyse**. Paris: Flammarion, 2007.

PORGE, Érik. **Voz do eco**. Trad. de Viviane Veras. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

POZZATO, Vanessa G; VORCARO, Ângela. Aproximações e distinções entre os autismos e as psicoses em crianças: condições da alienação à linguagem. **Analytica**, v. 3, n. 5, 2014.

REGO, Fabiana Lins B. **Investigando a ecolalia no autismo: há possibilidade de um novo olhar?** 2006. 114 p. Dissertação de Mestrado em

Psicologia Cognitiva, UFPE, Recife, PE, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/18489/1/FABIANA%20LINS%20BROWNE%20REGO%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Final%20%202016.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

RINALDI, Doris. O traço como marca do sujeito. Salvador: **Revista Estudos de Psicanálise**, n. 31, p. 59-63, 2008.

SANTOS, Iara Maria Ferreira. **Falas ecológicas: uma discussão sobre a multiplicidade de seus efeitos**. 2015. 90 p. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, PUC-SP, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13753>. Acesso em: 10 fev. 2021.

SOLER, Colette. **O inconsciente a céu aberto da psicose**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

SOUZA, Luciana C. Considerações psicanalíticas sobre o tratamento do outro no autismo. **Revista Estilos da Clínica**, p. 52-65, 2011.

VORCARO, Ângela. **Crianças na psicanálise: clínica, instituição, laço social**. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 1999.

VORCARO, Ângela. O tratamento do autismo: notas introdutórias. **Analytica**, v. 5. n. 9, p. 04-30, 2016.